

‘Sabe da última?’

Originam-se sem se dar por isso, ganham força própria e têm consequências graves. Saiba como reagir perante um boato.

Por Leonor Antolin Teixeira

Tinha 25 anos quando descobri a força do boato. Fruto da inveja, Madalena Fonseca viu uma amizade ser destruída e um percurso profissional de sucesso ganhar obstáculos. Com a ajuda de familiares e amigos, superou os problemas e hoje encara esta situação como um momento esclarecedor. “O boato era referente a incompetências profissionais e assuntos pessoais. Surgiu, no meu entender, por motivos de inveja e de competitividade. A pessoa em questão trabalhava há mais de 10 anos sozinha, na área de saúde, e não conseguiu lidar com a mudança, bem como com características minhas, como a jovialidade e a ambição. Tinha 25 anos e foi um choque! Essencialmente, porque a amizade que eu acreditava existir há mais de três anos não passou de uma grande ilusão. Mas apesar disso, o boato não afectou a minha vida. Pelo contrário, deu-me força para ir mais longe, permitindo-me identificar ambientes mesquinhos e fugir deles. Se houve algum tipo de consequências, penso que terão sido boas, no sentido em que aprendi a separar melhor a vida pessoal da profissional, a ser mais exigente comigo própria e a depender o menos possível de terceiros. Em termos profissionais, nunca deixei de acreditar em mim.” Se na Roma Antiga assumiam a forma de ‘relatórios’, através dos quais os reis ficavam a par dos acontecimentos da corte, hoje os boatos ganham força além-fronteiras. Com capacidade de afectar a vida de quem deles é vítima, os boatos são inerentes aos mais diversos tipos de sociedade, assumindo, mediante diferentes contextos populacionais e sociais, diversas formas.

A definição

Entendidos como uma história, os boatos assumem naturezas diferentes, mas acabam por ser inevitáveis ao nível do comportamento hu-

mano, como refere Adriano Duarte Rodrigues, especialista em estudos de comunicação: “Os boatos não são todos da mesma natureza, mas têm um ponto comum: a construção de uma história. E esta pretende explicar fenómenos ou encontrar respostas para inquietações relativas ao momento em que o boato surge. São normalmente inquietações colectivas, como frustrações e dificuldades de compreensão de fenómenos que acontecem. Nós não temos acesso ao mundo directamente, mas sempre através da construção de algo, que procuramos sempre ser mais o próximo da realidade quanto possível, tentando explicá-la da melhor forma que encontramos. E o boato é uma forma de explicar a realidade. É algo inerente à espécie humana. É impossível imaginarmos uma sociedade sem boato.” Na sua origem está igualmente a capacidade de efabulação que faz parte de nós, como acrescenta o especialista: “Perante uma realidade intrigante, para a qual não temos explicação, não deixamos de a procurar. E quando não temos acesso a nenhuma outra explicação plausível, efabulamos. O boato, no fundo, é uma efabulação, é um discurso efabulador que procura satisfazer esta necessidade que temos de compreender o mundo.” O boato surge igualmente do sentimento de não pertença a um determinado tipo de realidade, algo que nos parece ser alheio. “Uma coisa que é intrigante quando olhamos para a vida das outras pessoas é a sua subjectividade, a sua interioridade e a sua integridade. E, portanto, é normal que muitos boatos sejam acerca da vida privada de cada um. Sobretudo aqueles que alimentam e incentivam a efabulação imaginária do ‘todo poderoso’. Isto é, daquele que tem poder, do que manda, do que tem dinheiro. Por isso, não admira que muitos dos boatos estejam relacionados com a vida das celebridades, dos governantes, daqueles que detêm o poder. Esta realidade que nos é alheia é algo

4 TIPOS DE BOATOS

Pela psicóloga Tânia Estrada:

Boato patológico - Um boato usado principalmente na política e que é montado estrategicamente para afectar alguém.

Boato de inveja - Muito comum, o boato que é fruto directo da inveja alheia e da frustração. Tem uma reacção de negatividade, em que se fala mal do outro.

Boato de estratégia - É o boato que se verifica, por exemplo, ao nível das celebridades. É um boato malicioso, criado com o intuito de destruir o outro.

Boato ocioso - É um boato usado estrategicamente ao nível do marketing empresarial e que é vazio de má-fé.

“Para o boato não há defesa possível, ele tem vida própria. A única defesa, muitas vezes, é deixar que ele passe”,

Adriano Duarte Rodrigues, especialista em estudos de comunicação

que concentra em si algo intrigante, porque não faz parte do ‘meu mundo’ e quando não faz parte desse ‘mundo’, procuro explicações para isso. E aí penso: ‘Porque é que ele tem isto ou aquilo? O que é que levará a que ele não seja igual a mim?’”, afirma Adriano Duarte Rodrigues.

O perfil do autor

Utilizado para os mais variados fins, o boato servirá sempre para manipulação de uma qualquer informação. Que tipo de perfil psicológico terá, então, o autor de tal manipulação? “Quem utili-

za o boato são pessoas pouco sensatas. Quando caracterizamos o perfil do autor em termos psicológicos, acabamos por atribuir traços de pouca sensatez e alguma frustração, aos quais se adiciona depois um índice cultural baixo. O autor do boato é aquele que não consegue entender o que se passa à sua volta, alguém cuja vida lhe corre mal, alguém inconformista. É igualmente alguém que vive de medo e cujo medo o paralisa, porque, no fundo, a evolução da sua vida está sempre voltada para o passado”, refere Tânia Estrada, psicóloga.

“Se a mesma história tem várias versões diferentes, é de desconfiar, à partida”, Susana André, jornalista e autora do livro ‘Mitos Urbanos e Boatos’



PARA LER:
'Mitos Urbanos e Boatos', de Susana André
Esfera dos Livros, €17

ELECTRO-BOATOS

Encontramos a expressão em 'Mitos Urbanos e Boatos', o livro da jornalista Susana André, a qual resume, os boatos digitais, que surgem nas 'redes sociais'. Que consequências terão os boatos que encontramos nesses meios? Que formato e que dimensão assumem? E com que rapidez se formam?

"A Internet é uma ferramenta de dois gumes, no sentido em que é um ótimo meio de transporte para os boatos e para os mitos urbanos, sobretudo através do correio electrónico, mas também é um meio onde se consegue facilmente verificar a veracidade de tais rumores. Se as pessoas se derem ao trabalho de o fazer, possibilita o cruzamento de informação, indispensável à comprovação dessa veracidade." Para Adriano Duarte Rodrigues, especialista em estudos de comunicação, as redes sociais são um dos meios onde mais rapidamente os boatos ganham força, mas onde, também mais facilmente a perdem. "Estas redes sociais que a Internet cria e alimenta são propícias à profusão e à difusão do discurso. E como o boato é um discurso, uma história que se conta, é obviamente mais fácil criar-se nesses meios. Com esta nova realidade das redes informáticas há uma maior difusão do boato, mas também a sua vida é mais curta: um boato apaga o outro." Um aspecto reforçado pela psicóloga Tânia Estrada: "É um boato de intensidade, que ganha força rapidamente, onde não há tempo de reflexão, tornando-se muito reactivo. É chamado o boato patológico. Mas depois também mais facilmente alguém faz parar esse boato. Portanto, anda rapidamente, mas não é tão grave, porque depressa se desmonta."

As consequências

Criados, muitas vezes, com o intuito de destruir da vida da outra pessoa, os boatos podem ter consequências graves na vida daqueles que deles são vítimas, como ilustra Susana André, jornalista da SIC e autora do livro 'Mitos Urbanos e Boatos', recentemente publicado: "Muitas vezes, lançam-se as histórias sem se ter consciência do impacto que têm na vida das pessoas. Espero que este livro sirva, de alguma forma, para alertar as pessoas para esse impacto. Porque os boatos existem e têm de ser tratados com a importância que realmente têm. E há aqui vários exemplos que me impressionaram bastante e dos quais também não tinha consciência. Como é o caso do boato que envolvia o cantor Melão com o futebolista José Calado. Foi um caso que teve consequências graves na vida dos dois, mas principalmente na de Calado, que se movia num meio muito mais conservador e homofóbico e que se viu obrigado a sair a meio de um jogo, quando era capitão de equipa do Benfica e a não voltar, porque não aguentou a humilhação que vinha das bancadas e os gritos de 'capitão gay'. Algum tempo depois, tal como alguns analistas desportistas diagnosticaram, saiu do País, foi jogar para um clube de segunda divisão da liga espanhola e actualmente joga num clube de meio da tabela no Chipre! Depois, faço ainda referência a três casos que são o exemplo de que os boatos podem inclusivamente matar. Como foi o caso do primeiro-ministro Pierre Bérégovoy, que se suicidou com um tiro na cabeça, na sequência de acusações nunca provadas de corrupção, em 1993. Mas já antes, no início do século e nos anos 70, dois outros ministros, curiosamente também socialistas, puseram igualmente fim à vida na sequência de acusações nunca provadas. Portanto, houve aqui claramente uma curva descendente, muito radical, algo que derivou directamente do boato."

Os meios, nos quais se manifesta

Uma outra característica do boato é a sua transversalidade, como defende a jornalista Susana André: "Podemos encontrar boatos em todos os lugares ou países do mundo. Eu achei muito curioso ter encontrado inclusivamente um boato associado aos talibãs! Foi lançado durante as eleições para a Assembleia Geral, em que tentaram atingir uma das candidatas que estava bastante bem posicionada para ser eleita e que, claro, sendo mulher, faria à partida com que os talibãs a olhassem com desconfiança. E era, ainda por cima, uma mulher bastante interventiva e combativa. Através das novas tecnologias, os talibãs – que supostamente são contra todas essas tecnologias –, socorreram-se delas para fazer

uma fotomontagem, onde colocavam a candidata com a cabeça destapada, como se estivesse na Assembleia, e diziam que se fosse eleita, iria começar a apresentar-se dessa forma da Assembleia: de calças de ganga e cabeça destapada, como se fosse uma prostituta. Penso que esta situação ilustra o facto de o boato ser um recurso que o ser humano tem, independentemente do meio onde aconteça. Das pesquisas que fiz, encontrei o boato em todas as sociedades do mundo." Mas será que existem meios mais propícios à propagação do boato? Os especialistas defendem que, consoante os diferentes meios, assumem naturezas diferentes, como adianta Adriano Duarte Rodrigues: "Uma pequena comunidade fechada sobre si própria alimenta provavelmente um tipo de boato diferente do de uma sociedade aberta e cosmopolita. Não digo que haja menos boatos, mas provavelmente são de natureza diferente. E, a este nível, é importante referir que o boato desempenha uma função importante, já que alimenta a sociabilidade. O boato pode não ser só algo negativo. Aliás, uma das razões pelas quais o boato existe é essa. Vivemos de sociabilidade, de solidariedades, e o boato é uma forma de alimentar essas solidariedades com as pessoas com quem partilhamos os nossos segredos, é um ponto de ligação. Daí que exista em diferentes meios. Não estão demarcadas fronteiras numa aldeia e no meio urbano para a existência do boato, a sua lógica de funcionamento é exactamente igual!"

A defesa

O que devemos, então, fazer quando somos alvo de um boato? Referem os especialistas que a melhor defesa possível é deixar que passe, como adianta Adriano Duarte Rodrigues: "Para o boato não há defesa possível, ele tem vida própria. A única defesa, muitas vezes, é deixar que passe. Uma das características do boato é o seu ciclo, são histórias que têm um ciclo de vida. Hoje, penso que este se torna cada vez mais rápido, mais acelerado, mais efémero." Um aspecto reforçado pela jornalista Susana André: "Há quem defenda que não se deve fazer nada quando se é vítima de um boato, não só porque não serve para nada, como porque expõe a pessoa ainda mais e pode até indiciar que essa pessoa sinta realmente necessidade de esclarecer alguma coisa. Agora, deve ser muito complicado, imagino eu, estar a viver uma situação dessas e ficar calado. Mas a verdade é que não há muito que se possa fazer, para não dizer que não há nada!" A psicóloga Tânia Estrada vai mais longe: "As pessoas sensatas e inteligentes não se deixam afectar pelo boato, quem o faz é aquele que também é frustrado. Quem se prejudica mais no boato são os inseguros." ●